

## FLORES E FRUTOS\*

Poesias por Bruno Seabra.

1862. GARNIER, EDITOR.

Li há muito tempo um livrinho de versos que tinha por título *Diwan*[,]<sup>1</sup> e que estava assinado por Augusto Soromenho.<sup>2</sup> O título do livro era o mesmo de uma coleção de poesias de um poeta turco, creio eu.<sup>3</sup> Achei-lhe graça, facilidade, e sobretudo novidades tais, que tornavam os versos de Soromenho de uma beleza única no meio de todos os gêneros.<sup>4</sup>

O livro que o Sr.<sup>5</sup> Bruno Seabra acaba de publicar sob o título de *Flores e Frutos*<sup>6</sup> veio mostrar-me que o gênero e as qualidades do Soromenho podiam aparecer

---

\* Esta edição da resenha de “Flores e frutos” foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: DRJ (p. 1, 30 jun. 1862), NR1932 (p. 97-101), MASA (p. 102-106) e OCA2015 (v. 3, p. 1032-1034). Texto-base: DRJ. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: Nilton de Paiva Pinto, José Américo Miranda. O exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro apresenta pequenos trechos ilegíveis, coincidentes com as dobras do jornal impresso. Geralmente, nessas passagens, a leitura é possível por inferência a partir do contexto; nos casos em que isso não foi possível, valemo-nos – apesar de numerosas variantes em relação a DRJ, nas partes legíveis – da versão publicada em NR1932 (*Novas relíquias*): os trechos de leitura duvidosa foram postos entre colchetes, e o fato registrado em nota. O responsável por essa edição (Fernando Néri – Cf. SOUSA, 1955, p. 132) certamente leu o jornal em melhores condições do que nós.

<sup>1</sup> *Diwan*.] *Divan*, – em NR1932; *Divã* – em MASA; *Divã*, – em OCA2015 (título grafado sempre assim nessas edições).

<sup>2</sup> Augusto Soromenho (Porto, 1834 – Lisboa, 1878): amigo de Alexandre Herculano (de quem mais tarde se tornou inimigo), foi, aconselhado por ele, estudar língua árabe em Madri. Foi professor dessa língua no Liceu Nacional de Lisboa. Participou, em 1871, das conferências do Cassino. Publicou *Diwan*, em 1855; *Origem da língua portuguesa*, em 1867; e *Probidade literária* (correspondência), em 1874. (Cf. MACHADO, 1996) A palavra “divã”, de origem turca, já era grafada nos dicionários do tempo de Soromenho “divan”; conservamos a grafia do autor – *Diwan* – por reconhecermos nela um sabor exótico, oriental.

<sup>3</sup> A palavra “divã”, que grafamos *diwan*, é de origem turca e significa, originalmente, na língua persa, “registro, recolha de folhas escritas”. (HOUAISS, 2001) O *Dicionário da língua portuguesa*, de Antônio de Morais Silva, em sua 7ª edição, de 1877, traz o seguinte (interessante) verbete: “**Divân**, s. m. (palav. adop. do Arab. e deriv. do verbo *dana*, que na 2ª conjug. significa, coligir escriptos, escrever, ou fazer memoria de tudo o que se passa). O conselho de estado do Turco: a casa onde se ajunta: ‘no mesmo *divan* foi apunhalado’ § Especie de sofá. § Collecção de poesias arabes, cada uma das quaes é chamada ghazel. § Nome dado por Goethe, e a imitação d’elle por outros poetas, a uma collecção de poesias no gosto oriental.”

<sup>4</sup> gêneros.] gêneros, – em DRJ.

<sup>5</sup> Sr.] sr. – em NR1932 e em OCA2015 (sempre assim nessas edições).

<sup>6</sup> *Flores e Frutos*] *Flores e frutos* – em MASA e em OCA2015.

nestas regiões com a mesma riqueza de graça, facilidade de rima e virgindade<sup>7</sup> de ideias. Abrangendo mais espaço do que a brochura do *Diwan*<sup>8</sup> os versos do Sr. B.<sup>9</sup> Seabra respondem [a]<sup>10</sup> diversos ecos do coração ou do espírito do poeta. A esta<sup>11</sup> vantagem do Sr. B. Seabra junte-se a de haver no poeta brasileiro certos toques garrettianos mais pronunciados<sup>12</sup> [do]<sup>13</sup> que no poeta portuense. Demais, o livrinho de Soromenho era um desenhado; o livro do Sr. B. Seabra é um ensaio, uma prova mais séria para admissão no lar das musas.

A própria divisão do livro do Sr. B. Seabra exprime o maior espaço que a sua inspiração abrange.<sup>14</sup> A primeira parte intitula-se *Aninhas*; a segunda, *Lucrécias*; a terceira,<sup>15</sup> *Dispensas*.<sup>16</sup> Na primeira estão compreendidas as impressões frescas da mocidade e as comoções ingênuas e cândidas do coração do poeta. A sua musa vaga pela margem dos ribeiros e pelos vergéis<sup>17</sup> onde absorve a santa e vivificante aura do amor.<sup>18</sup> A ingenuidade dos afectos<sup>19</sup> está traduzida na simplicidade da expressão.<sup>20</sup> É a poesia *loura*<sup>21</sup> de que fala um crítico eminente.<sup>22</sup> Essa, quando verdadeira e simples, é rara e inestimável. Poucos a têm<sup>23</sup> simples e verdadeira[;]<sup>24</sup> e os que à força de torturarem a imaginação querem alcançar e produzir aquilo que só da espontaneidade do coração e da natureza do poeta pode nascer, apenas conseguem arrebicar a inspiração sem outro resultado. É o caso do [pintor]<sup>25</sup> antigo que buscava enriquecer a sua [estátua de Vênus não]<sup>26</sup> podendo imprimir-lhe o cunho [da]<sup>27</sup> beleza e da graça.<sup>28</sup>

<sup>7</sup> virgindade] virgindades – em NR1932.

<sup>8</sup> *Diwan*] *Divan*, – em NR1932.

<sup>9</sup> Sr. B.] sr. dr. B. – em NR1932; Sr. B – em DRJ (não anotamos outros casos ambíguos – em que o ponto está mal-impresso – que ocorrem no jornal ao longo do texto).

<sup>10</sup> a] ilegível em DRJ.

<sup>11</sup> A esta] À esta – em DRJ.

<sup>12</sup> pronunciados] pronunciado – em DRJ.

<sup>13</sup> do] parcialmente ilegível (por má impressão) em DRJ.

<sup>14</sup> Aqui começa outro parágrafo em NR1932.

<sup>15</sup> terceira,] terceira – em NR1932.

<sup>16</sup> Aqui começa outro parágrafo em NR1932.

<sup>17</sup> vergéis] vergéis, – em MASA.

<sup>18</sup> Aqui começa outro parágrafo em NR1932.

<sup>19</sup> afectos] afetos – em MASA e em OCA2015.

<sup>20</sup> Aqui começa outro parágrafo em NR1932.

<sup>21</sup> *loura*] *loura* – em NR1932.

<sup>22</sup> Aqui começa outro parágrafo em NR1932. O crítico eminente a que Machado de Assis se refere é Charles Augustin Sainte-Beuve (1804-1869), que, em ensaio dedicado a M. de Vigny (1797-1863), empregou a expressão “poésie blonde et ingénue”. (Cf. SAINTE-BEUVE, 1836, p. 192) Parte deste texto de Sainte-Beuve foi por nós traduzido e pode ser lido na seção “Outras Edições” deste número da *Machadiana*.

<sup>23</sup> têm] tem – em NR1932.

<sup>24</sup> Em DRJ, o ponto inferior dos dois-pontos está mais fortemente impresso do que o ponto superior; adotamos o ponto e vírgula de NR1932.

<sup>25</sup> pintor] parcialmente ilegível – em DRJ.

<sup>26</sup> Palavras ilegíveis em DRJ.

<sup>27</sup> da] parcialmente ilegível em DRJ.

<sup>28</sup> Esta passagem tem um ar um tanto estranho, ou ambíguo: o “pintor” produz uma “estátua”? o “objeto do quadro” é uma “estátua”? ele “pinta” uma “estátua”?

Esta qualidade, quaisquer que sejam as reservas que a crítica possa fazer, é um motivo pelo qual saúdo com entusiasmo o livro do Sr. B. Seabra.

A poesia *Na Aldeia*,<sup>29</sup> a primeira da primeira parte, parece destinada a dar a ideia resumida do sentimento que inspira as *Aninhas*. Veja o leitor esta estrofe:<sup>30</sup>

Olha! que<sup>31</sup> paz se agasalha  
Nesta casinha de palha,<sup>32</sup>  
À sombra deste pomar!  
Olha! vê!<sup>33</sup> que amenidade!<sup>34</sup>  
Abre a flor da mocidade!<sup>35</sup>  
Na soleira deste lar!<sup>36</sup>

E esta outra:

Que valem vaidosos<sup>37</sup> fastos,  
Quando os corações vão gastos  
De afectos,<sup>38</sup> de amor, de fé?  
A ventura verdadeira  
Vive à sombra hospitaleira  
Da casinha de sapé.<sup>39</sup>

Entremos na segunda parte. Cala-se o coração do poeta. A primeira poesia, *Nós e vós*,<sup>40</sup> recomenda logo ao leitor as demais *Lucrécias*.

*Teresa, Moreninha, A filha do mestre Anselmo, Ignez*,<sup>41</sup> são composições de notável merecimento. *Teresa e Moreninha*<sup>42</sup> principalmente.<sup>43</sup> Sinto não poder transcrevê-las aqui. O poeta assiste à saída de Teresa e seu noivo da igreja onde se foram casar:

<sup>29</sup> *Na Aldeia*,] “Na aldeia”, – em MASA e em OCA2015.

<sup>30</sup> Nesta edição, conferimos o texto dos versos na obra *Flores e frutos* (1862) e registramos em notas a forma do texto original.

<sup>31</sup> que] – que (com travessão) – em FF; *Que* (sem travessão) – em MASA (nessa edição, todos os versos citados vêm em itálico).

<sup>32</sup> palha,] palha – em FF.

<sup>33</sup> vê!] vê...! – em FF.

<sup>34</sup> Olha! vê! que amenidade!] *Olha! Vê! Que amenidade!* – em MASA.

<sup>35</sup> mocidade!] mocidade – em FF. “Flor da mocidade” é título do décimo poema de *Falenas* (1870, p. 43), que é o primeiro de “Falenas” nas *Poesias completas* (1901, p. 55-56).

<sup>36</sup> Em DRJ e em NR1932 todos os versos são precedidos por aspas de abertura. Em MASA e em OCA2015 os versos, em todas as citações, vêm em destaque (deslocados para a direita), sem aspas; em MASA, em itálico.

<sup>37</sup> vaidosos] ruidosos – em FF.

<sup>38</sup> afectos,] *afetos*, – em MASA; *afetos*, – em OCA2015.

<sup>39</sup> Em DRJ e em NR1932 todos os versos são precedidos por aspas, e elas se fecham ao final do último verso.

<sup>40</sup> *Nós e vós*,] “Nós e vós”, – em MASA e em OCA2015.

<sup>41</sup> *Teresa, Moreninha, A filha do mestre Anselmo, Ignês*,] *Teresa, Moreninha, A filha do mestre Anselmo, Inês*, – em NR1932; “Teresa”, “Moreninha”, “A filha do mestre Anselmo”, “Inês” – em MASA e em OCA2015.

<sup>42</sup> *Teresa e Moreninha*] *Teresa e Moreninha*, – em NR1932; “Teresa” e “Moreninha” – em MASA e em OCA2015.

<sup>43</sup> Em NR1932 e em OCA2015, neste ponto começa outro parágrafo.

Olhem como vem pimpona!  
É uma senhora dona,  
Reparem como<sup>44</sup> ela vem...<sup>45</sup>

Depois de notar a mudança que o casamento havia operado na volúvel Teresa diz-lhe o poeta:

Adeus, senhora Teresa!  
Salve o pobre na pobreza<sup>46</sup>  
Que isso não lhe fica bem!<sup>47</sup>  
Soberba com seu marido,  
Soberba com seu vestido,<sup>48</sup>  
Deixe-se de soberbias,  
Lembre-se daqueles dias<sup>49</sup>  
À sombra dos cafezais...  
Descora... não tenha medo!  
Vá tranquila<sup>50</sup> que o segredo  
Da minha boca... jamais...<sup>51</sup>

Tenho minguá de espaço. Citarei apenas esta primeira estrofe da *Moreninha*,<sup>52</sup> como amostra de graça e facilidade:

Moreninha, dá-me<sup>53</sup> um beijo?<sup>54</sup>  
E o que me dá, meu senhor?<sup>55</sup>  
Este cravo...<sup>56</sup>

---

<sup>44</sup> como] com – em DRJ. Corrigimos, por tratar-se de erro.

<sup>45</sup> Em DRJ todos os versos são precedidos por aspas; em NR1932 todos os versos são precedidos por aspas, e há aspas de fechamento ao final deste verso.

<sup>46</sup> pobreza] pobreza, – em FF.

<sup>47</sup> bem!] bem? – em DRJ; bem. – em NR1932 e em OCA2015; *bem!* – em MASA. Corrigimos a pontuação do jornal, que parece não fazer sentido.

<sup>48</sup> Em DRJ, em NR1932, em MASA e em OCA2015, depois deste verso, não há divisão de estrofes (existente em FF) no trecho transcrito (que é composto por duas estrofes) e falta o seguinte verso: “Já não conhece ninguém!” (último verso da primeira estrofe – sextilha – citada). Em MASA, o verso faltante vem em nota de rodapé.

<sup>49</sup> dias] dias, – em FF.

<sup>50</sup> tranquila] tranquila, – em OCA2015.

<sup>51</sup> jamais...] jamais... – em FF, em NR1932, em MASA e em OCA2015. Em DRJ todos os versos são precedidos por aspas. Nesta passagem, as reticências são mais expressivas do que as anteriores; os quatro pontos foram postos (muito provavelmente) por Machado de Assis. Ver as notas 85, 89 e 92 de “Antes da missa”, neste periódico, v. 5, n. 9, p. 210 e p. 211, jan.-jun. 2022.

<sup>52</sup> *Moreninha*,] “Moreninha”, – em MASA.

<sup>53</sup> dá-me] dá-me – em FF.

<sup>54</sup> beijo?] beijo – em FF; em FF e em OCA2015, o verso começa por travessão.

<sup>55</sup> Em FF, este verso traz travessão no início e vem deslocado para a direita em relação ao anterior e ao seguinte.

<sup>56</sup> cravo...] cravo... – em FF, em NR1932, em MASA e em OCA2015. As reticências de quatro pontos (muito provavelmente de Machado de Assis), nesta passagem, podem indicar o cunho erótico da alusão, pois a palavra “cravo” pertence ao conjunto daquelas que podem ser usadas para referência ao órgão sexual masculino. (Cf. SOUZA, 2007, p. 205) Ver as notas 85, 89 e 92 de “Antes da missa”, neste periódico, v. 5, n. 9, p. 210 e p. 211, jan.-jun. 2022. Este verso começa por travessão em FF, em NR1932 e em OCA2015.

Ora, esse cravo!<sup>57</sup>  
De que me serve uma flor?<sup>58</sup>  
Há tantas flores nos campos!  
Hei de agora, meu senhor,  
Dar-lhe um beijo por um cravo?  
É barato; guarde a flor.<sup>59</sup>

As *Cinzas de um livro*<sup>60</sup> com que o poeta pôs fecho ao livro,<sup>61</sup> revela<sup>62</sup> as qualidades de forma de todos os versos, mas não me merece a menção das páginas antecedentes: *Cinzas de um livro*<sup>63</sup> é o contraste de *Aninhas*; *Aninhas*<sup>64</sup> me agradam mais, pelo sentimento que inspiram e pelas impressões que deixam no espírito de quem as lê.

Reservas à parte, as *Flores e Frutos*<sup>65</sup> do Sr.<sup>66</sup> B. Seabra revelam um talento que se não deve perder e que o poeta deve às musas pátrias. Não dá animações quem precisa de animações, com títulos menos legítimos, é verdade;<sup>67</sup> mas tudo quanto um moço pode dar a outro, eu lhe darei, apertando-lhe sincera e cordialmente a mão.

M. A.

---

<sup>57</sup> Este segmento do terceiro verso traz travessão no início em FF, em NR1932, e em OCA2015 (nessa edição essa parte do verso vem alinhada à esquerda, com os versos anteriores). Em DRJ, estes versos vêm com aspas no início (assim como a linha que contém a parte final do terceiro verso), alinhados à esquerda (com exceção da parte do terceiro verso que vem deslocada para a direita), sem os travessões; em NR1932, os versos vêm como em DRJ, porém, sem aspas e com os travessões; em MASA, sem os travessões, sem aspas, e em itálico.

<sup>58</sup> Em FF, os cinco versos finais da estrofe vêm ligeiramente deslocados para a direita (porque o primeiro verso e o início do terceiro vêm mais à esquerda – em relação aos cinco versos finais; e a pergunta do segundo verso vem deslocada para a direita, em relação a esses cinco versos finais).

<sup>59</sup> Em DRJ todos os versos são precedidos por aspas (que não se fecham); em NR1932, os versos vêm alinhados à esquerda (com exceção de parte do terceiro verso), sem as aspas, mas com os travessões nas quatro linhas iniciais; em MASA, os versos vêm em itálico, alinhados à esquerda (com exceção de parte do terceiro verso), sem aspas; em OCA2015, vêm alinhados à esquerda (inclusive a parte do terceiro verso que, nas outras edições, vem deslocada para a direita), com os travessões, sem aspas.

<sup>60</sup> As *Cinzas de um livro*] *As cinzas de um livro* – em DRJ; *As cinzas de um livro*, – em NR1932; As “Cinzas de um livro” – em MASA; As “Cinzas de um livro”, – em OCA2015. Em FF, o título do poema, que vem em frontispício divisório (o que sugere ser ele, sozinho, uma “quarta” parte do livro), é “Cinzas de um livro”.

<sup>61</sup> livro,] livro – em MASA.

<sup>62</sup> O poeta concorda o verbo com a ideia de “parte do livro” ou de “poesia” (silepse).

<sup>63</sup> *Cinzas de um livro*] “Cinzas de um livro” – em MASA e em OCA2015.

<sup>64</sup> *Aninhas*; *Aninhas*] “Aninhas”; “Aninhas” – em MASA.

<sup>65</sup> *Flores e Frutos*] *Flores e frutos* – em MASA e em OCA2015.

<sup>66</sup> Sr.] S – em DRJ (em fim de linha).

<sup>67</sup> Machado de Assis ainda não havia publicado nenhum livro de versos em 1862 (data desta resenha).

### Abreviaturas empregadas nesta edição

DRJ – *Diário do Rio de Janeiro*.

FF – *Flores e frutos*.

MASA – *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*, 2013.

NR1932 – *Novas relíquias*, 1932.

OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.

### Referências

ASSIS, Machado de. Flores e frutos. Poesias por Bruno Seabra. 1862. Garnier, editor. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, ano XLII, n. 178, p. 1, 30 jun. 1862.

ASSIS, Machado de. *Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870].

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.

ASSIS, Machado de. Flores e frutos. Poesias por Bruno Seabra. 1862. Garnier, editor. In: *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015. v. 3. p. 1032-1034.

AZEVEDO, Sílvia Maria; DUSILEK, Adriana; CALLIPO, Daniela Mantarro. (Orgs.) *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MACHADO, Álvaro Manuel. (Org.) *Dicionário de literatura portuguesa*. Lisboa: Editorial Presença, 1996.

SAINTE-BEUVE, Charles Augustin. *Nouveaux portraits et critiques littéraires*. Bruxelles: Société Belge de Librairie, etc. / Hauman, Cattoir et Ce., 1836.

SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. 7. ed. melhorada e muito acrescentada com grande número de termos novos usados no Brasil e no português da Índia. Lisboa: Tipografia de Joaquim Germano de Sousa Neves – Editor, 1877/1878. 2t.

SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.

SOUZA, Vivian Regina Orsi Galdino de. *Vocabulário erótico-obsceno dos órgãos sexuais masculino e feminino em português e italiano*. São José do Rio Preto: s.n., 2007. [Dissertação de mestrado – Universidade Estadual Paulista]